
**AVANÇOS RECENTES NO
ESTUDO DA EPIGRAFIA LATINA
DAS ANFORAS OLEARIAS
BÉTICAS**

PEDRO PAULO A. FUNARI
Departamento de História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas

O campo dos estudos anfóricos, iniciado há mais de um século por Heinrich Dressel, expandiu-se de tal forma nas últimas décadas que é praticamente impossível acompanhar todas as publicações a respeito. Vicenza Morizio (Morizio, 1991, p.359) referia-se a esta explosão de estudos com palavras claras: *per quel che riguarda le anfore, l'incredibile quantità di studi e di ricerche seguita alla prima classificazione di Dressel <ha reso qualsiasi tentativo di> sintesi della bibliografia anforaria quasi ingovernabile*. Fanette Laubenheimer tem publicado, anualmente, na revista *Dialogues d'Histoire Ancienne*, um apanhado sugestivamente intitulado *Des amphores et des hommes*, cuja edição do ano de 1993 atingiu 18 páginas e 92 títulos. De qualquer modo, estes levantamentos, como aqueles de Robin Symonds no *Journal of Roman Pottery Studies*, não se pretendem exaustivos.

Este ensaio bibliográfico dedica-se ao comentário de um pequeno número de estudos de epigrafia latina anfórica, de excepcional importância e recente publicação. O início das escavações sistemáticas do Monte Testaccio, em Roma, a partir de 1989, sob a direção de José Maria Blázquez (Universidad Complutense de Madrid), marcou uma nova etapa nos estudos da epigrafia anfórica do mais ubíquo tipo de ânforas do mundo antigo, as ânforas oleárias béticas de tipo Dressel 20. Foi possível associar o estudo da epigrafia dos selos à paleografia das inscrições pintadas de maneira anteriormente impossível: *Dressel hat die Stempel und tituli*

picti separat ersorscht. Mit unserer Ausgrabung in Monte Testaccio versuchen wir, die Stempel und tituli picti zusammenzusetzen. Dadurch sind wir in der Lage, die Information der tituli picti topografisch zu identifizieren (Remesal, 1991, p.159).

No contexto das pesquisas do material epigráfico proveniente do Monte Testaccio cabe voltar a 1990, quando a editora da Universidad Complutense de Madrid publicava o primeiro volume sobre as inscrições pintadas das ânforas Dressel 20 da época dos Severos e da *ratio fisci* (Rodríguez-Almeida, 1989), sob os cuidados de Emilio Rodríguez-Almeida, o mais legítimo continuador do conditor Dressel. Com seu cuidadoso trabalho *in loco* por muitos anos, desde 1968, Rodríguez-Almeida publicou muitas novas inscrições, principalmente *tituli picti* Dressel 20, propôs um sem número de interpretações originais sobre o Monte Testaccio e sobre a epigrafia anfórica. Entre todas as suas qualidades, talvez a mais excepcional seja sua análise da paleografia antiga, motivo primeiro para considerar seus comentários sobre os *tituli picti* dos severos e da *ratio fisci* (198-255 d.C.) particularmente importantes.

O trabalho está dividido em duas grandes partes, a primeira sobre os *tituli picti* dos severos (28 inscrições) e a segunda sobre os *tituli picti* da *ratio fisci* (133 inscrições). Os *tituli* dos severos, desconhecidos até há pouco, constituem já uma série abundante e relativamente variada. Aparecem apenas ao largo da costa ocidental do grande depósito antoniniano, *in situ*. Os mais antigos levam os nomes de Septímio Severo e Antonino Caracala, chamados *Augusti nostri, Domini nostri, Domini nostri augusti*. Depois, aparece também Geta, na fórmula fixa *Dominorum nnn Severi Antonini et Getae Auggg*. Rodríguez-Almeida nota que a presença dos nomes imperiais no elemento *beta* (como *mercatores*, portanto) não autoriza a teoria das confiscações de propriedades oleárias béticas de partidários de Clódio Albino, por parte de Severo. Severo e seus filhos encarregam-se do *commeatus* (aprovisionamento) que, ao menos desde Cláudio, era feito pelos priva-

dos. As confiscações foram irrelevantes, pois de dezenas de fábricas de ânforas Dressel 20 apenas três (*figlinae Barba, Ceparia et Grumensis*) aparecem como propriedades dos Severos, enquanto as outras continuaram privadas (cf. Funari, 1994a, 1994b, *contra e.g.* Chic, 1994, p.199). Deve notar-se que os selos bilineares começaram a circular com os Severos e não antes. A documentação dos severos apresenta dados interessantes: a forma *Gete* por *Getae* (inscrições 9 e 13) representa o uso da pronúncia vulgar na escrita, algo muito incomum nestes *tituli*; as grafias *presente* por *praesente* (n.32), *prouincie* por *prouinciaie* (n.82), *Baetice* por *Baeticae* (nn.84,86,88,89) são outros exemplos da influência do *sermo humilis* na escrita; o peso do azeite de *ccli* (251) libras romanas é alto e parece indicar a introdução de Dressel 20 maiores (cf. Funari, 1987).

A segunda parte começa com uma introdução aos *tituli picti* da *ratio fisci*, de ambas as províncias, Bética e Tarraconense. A liberalização do comércio do azeite bético sob Severo Alexandre não supõe a eliminação automática da intervenção da *ratio*, pois privados e Estado combinam-se desde Severo Alexandre até Galieno, quando o Testaccio deixa de funcionar. Algumas ânforas excedem em muito o padrão de 216 libras de conteúdo, desde a época final dos Antoninos, afirmando-se no início da *ratio*. Rodríguez-Almeida volta à questão do texto da *Historia Augusta* (Alex., XXXI,9, XX,1-3) sobre o aprovisionamento anonário de Roma e confirma seus fortes argumentos a favor da leitura *oleum, quod Seuerus populo dederat quodque Heliogabalus inminuerat, turpissimis hominibus praefeturam annonae tribuendo, integrum restituit. Ius conferendi rationes, quod impurus ille (sc. Heliogabalus) sustulerat, hic omnibus reddidit*. Desta maneira, é possível compreender que “Alexandre reconstituiu, inteiramente, as entregas de azeite que Severo havia destinado ao povo e que Heliogabalo havia dilapidado quase completamente, concedendo a prefeitura da anona a pessoas de baixa classe. Concedeu a todos o direito de transportar provisões, algo que aquele delinquente (sc. Heliogabalo) havia abolido”. Esta interpreta-

ção confirma um dado arqueológico seguro: o retorno dos privados ao comércio do azeite bético graças à *liberalitas* de Severo Alexandre.

As inscrições da *ratio* apresentam diversos dados interessantes, alguns deles revelados graças ao trabalho acurado de leitura de Rodríguez-Almeida. Assim, a inscrição CIL XV, 4113 apresenta a mais antiga abreviatura *coss (consulibus)*, de 220 d.C. Na inscrição 54 (227 d.C.) aparece, pela primeira vez, o termo *comparante (illo)*, e o *comparator* é, neste comércio, uma figura nova introduzida por Severo Alexandre. O verbo *comparare* significa, a uma só vez, “reunir/adquirir” e “comprar” (= *emere*) mas Dressel não considerava provável este último sentido (*comparare igitur non uidetur esse emere, coemere, sed accipiendum*). Rodríguez-Almeida inclina-se, decididamente, pela validade do sentido “comprar”. O *status* do *comparator* Dionysio, *Aug(usti) lib(ertus)* (inscrição 59) é também algo notável. De qualquer forma, seu uso no Testaccio resume-se ao período entre 227 e 229 d.C.

A inscrição 79, proveniente de Chester (antiga Deva, Grã-Bretanha), parece citar a *figlina Saxoferreo*, ativa, talvez, desde o período cláudio-neroniano, em época antoniniana e até em data posterior a 217 d.C. Esta olaria, situada na moderna Huerta de Belén (*conuentus cordubensis*), produziu Dressel 20, com o mesmo nome comercial de Saxoferreo, por um grande período de tempo, o que parece indicar uma estabilidade notável no vale do Guadalquivir. É interessante o fato de que a maior parte das inscrições da *ratio* cite Astigi (14 vezes, contra 8 de Corduba e uma vez Lacca e Castulo). Talvez a região do *conuentus astigitanus* mantivesse relações especiais com o Estado. Em artigo de 1991, em homenagem a Michel Ponsich, Rodríguez-Almeida deu continuidade ao estudo destas epígrafes, em particular aos *diffusores ex Baetica* (Rodríguez-Almeida, 1991) e *tituli beta* com referência a *stat(ionis) uel -ionum*) foram publicados posteriormente (Rodríguez-Almeida, 1992, p. 61).

As escavações sistemáticas do Monte Testaccio, cujo relato da campanha de 1989 acaba de ser publicado (Blázquez, 1990),

guraram uma nova etapa da moderna epigrafia anfórica das Dressel 20. Emilio Rodríguez-Almeida publicou 222 *tituli picti*, cada um deles com apógrafo e comentários (Rodríguez-Almeida, 1994) e José Remesal apresentou 146 selos diferentes, com suas variantes, todos também reproduzidos e comentados (Remesal, 1994). Neste ensaio, não tratarei dos aspectos relativos à escavação em si do Monte Testaccio, limitando-me aos novos dados epigráficos e sua importância. No que se refere aos *tituli picti*, algumas inscrições confirmam os achados anteriores, como o uso de grafias provenientes do *sermo humilis* (e.g. *Beticae*, por *Baeticae*, no número 27, de 218 d.C.). O caso das referências a pesos de azeite muito altos deve ser mencionado nesta categoria (e.g. *ccliiii*, no número 55, de 220 d.C.).

Diversas novidades paleográficas podem ser observadas. A datação consular, no número 56, referente a 220 d.C., apresenta a mais antiga abreviatura *cons(ulibus)*, com a letra *n* antes do *s*. Nas palavras de Rodríguez-Almeida, *la cosa tiene enorme importancia, porque hasta ahora no nos resulta una datación tan precoz con este tipo de abreviatura... se trata, creo, de una anticipación de casi 20 años respecto a las primeras abreviaturas coss, cons, conss que entran en la epigrafia lapidaria hacia el año 250. A la vista del hecho, es pensable que el cambio se haya convertido en moda a mediados del s. III en Roma, precisamente por influjo de la epigrafia anforaria bética, tan abundante y tan conocida a todo el público* (Rodríguez-Almeida, 1994, pp.59-60). Esta possível influência provincial sobre os costumes epigráficos da capital não deixa de ter implicações indiretas e mais amplas sobre os fluxos culturais no Império como um todo.

Ainda entre os novos dados, o número 147, datado de 160 d.C., apresenta *la más precoz de las notae hispanicae* (Rodríguez-Almeida, 1994, p.99). A inscrição de número 140, um controle *delta*, também merece destaque: *r astig xuii ccxuii/iuni optati aruesis/ii augustis cos*, datada de 161 d.C. Na segunda linha, um nome de pessoa no genitivo (gentílico e *cognomen*, *Iuni Optati*) não está seguido do usual nome no

neutro (e.g. *maternese, attianum etc*) que indica a denominação do azeite, mas sim está acompanhado por um novo genitivo derivado de um topônimo, *Arue(n)sis*, referido a *Iunius Optatus* que precede. *És éste un caso de extrema importancia, porque si la "denominación de origen" del aceite (nombre al neutro), unida al nombre al genitivo, apuntaba a la identificación de éste último como el nombre del productor, la indicación de la localidad de origen de la persona misma (Iunius Optatus, Aruensis) refuerza esta probabilidad ulteriormente. Las dos expresiones del concepto se equivalen. Tanto vale decir Iuni Optati Aruense (oleum) como entender (oleum) Iuni Optati, Aruensis* (Rodríguez-Almeida, 1994, p.96).

Os selos são interpretados como uma linguagem críptica que, na época, era perfeitamente entendida dentro de um sistema semiótico (Remesal, 1994, p.130). A estabilidade no funcionamento das olarias béticas, já bastante ressaltada (Funari, 1988), encontra interessante confirmação no selo de número 234, TATILIASITICI, datado contextualmente entre 174 e 199 d.C., e encontrado *intra uentre*. Algum oleiro usou uma alça selada de época flávia, data certa do selo original, para unir as duas partes desta ânfora. A estabilidade do assentamento na Bética e do conjunto epigráfico das Dressel 20 implicava, portanto, uma notável continuidade na administração das olarias.

Os selos POPVLI e PORTO (números 300 e 301) foram interpretados como o resultado da reorganização de época severiana. Aparecem, freqüentemente, impressos sobre uma mesma ânfora e muitos deles foram descobertos nos mesmos estratos. As ânforas seladas com estes timbres envasariam azeite de propriedade do fisco, obtido seja como imposto *in natura*, seja como compra, submetida ou não a uma *indictio*, ou como azeite procedente de *praedia* do fisco (Remesal, 1994, p.169). A palavra *portus* não indicaria um topônimo mas devia referir-se a depósitos, seguindo a definição de Ulpiano no *Digesto* (L,16,59): *portus appellatus est conclusus locus, quo importantur merces et inde exportantur* (cf. Remesal,

1991b,p.291-2).

Outra questão relacionada a esta última refere-se ao resultado da ação severiana na Bética. O selo de número 251, LFCCVCAT, datado, contextualmente, entre 218 e 222 d.C., foi interpretado como referente a *L(ucius) F(abius) C(ilo) C(larissimus) V(ir) CAT()*. Teríamos, então, um dos grandes personagens de época severiana, amigo pessoal de Severo que, provavelmente, valeu-se da sua amizade com o Imperador seja para aumentar suas propriedades na Bética, de onde se originam os selos, seja para converter-se em um dos grandes fornecedores do exército estacionado no *limes* ocidental do Império. Os seus selos apresentam uma grande quantidade de sufixos, após a indicação do clarissimado, interpretados como referências a diferentes olarias produtoras (Remesal, 1994, p.154). Também os muitos exemplares de selos PNN, sob os números 287 a 290, datados das primeiras décadas do século II d.C., apresentam novas variantes, em particular PNNN (número 290).

Duas outras importantes obras, de referência obrigatória no estudo das ânforas de tipo Dressel 20, devem ser mencionadas. A publicação do quarto volume do levantamento arqueológico de superfície do Vale do Guadalquivir representa o coroamento de uma longa pesquisa de campo sob os auspícios da Casa de Velazquez (Ponsich, 1991). Michel Ponsich iniciou sua fundamental prospecção no início dos anos 1970, tendo publicado três tomos entre 1974 e 1987 (Ponsich, 1974; Ponsich, 1979; Ponsich, 1987). O quarto volume completa o trabalho, abrangendo as regiões de Ecija e redondezas (*cf. Chic, 1985*). Este último volume apresenta não apenas as dezenas de sítios prospectados, com os apógrafos de centenas de selos anfóricos, mas inclui um índice geral de sítios e selos dos quatro volumes. Estão catalogados milhares de sítios romanos, centenas de olarias, lagares de azeite e de selos anfóricos. Com esta publicação, tem-se o levantamento completo dos sítios romanos do *Baetis* e os quatro tomos constituem-se em obra de referência indispensável, em particular, para os estudiosos das ânforas Dressel 20.

A outra publicação de referência a mencionar consiste na continuidade da monumental coletânea de inscrições latinas da Grã-Bretanha, cujo volume I foi publicado em 1965 sob a direção geral de R.G. Collinwood e R.P. Wright, e cujo volume II, fascículo 6, sobre as inscrições em ânforas, acaba de ser publicado sob a organização de S.S. Frere e R.S.O. Tomlin e com a contribuição de M.W.C. Hassal (Frere & Tomlin, 1994). Publicam-se, neste volume, centenas de *tituli picti* e *tituli graphio exarati* em ânforas (os selos anfóricos não estão incluídos na coletânea). Os comentários às inscrições, seguindo a tradição destes *corpora*, reduzem-se ao mínimo, o que dificulta sobremaneira o uso do catálogo. Se a publicação de inscrições sem explicações paleográficas e interpretativas é sempre de difícil consulta, no caso de epígrafes anfóricas as dificuldades tornam-se ainda maiores. Inscrições fragmentárias, cuja intelegção depende, intimamente, de uma discussão aprofundada de suas características, tornam-se ainda mais obscuras se publicadas de forma lacônica.

Seis das inscrições coletadas foram, originalmente, publicadas por este autor (números 2492.5; 2492.10; 2492.15; 2492.36; 2494.112; 2494.175). Algumas leituras, sem os comentários explicativos originais, tornam-se ininteligíveis. Assim, a leitura *áááá*, em 2492.5, proposta por mim e aceita pelos editores, não faz sentido sem a explicação de que se trata de uma abreviatura usual da palavra *arca*. Ainda nesta mesma inscrição, a leitura original *seren(ense)* foi preterida em benefício de *sirene* sem que, no entanto, haja qualquer justificativa paleográfica ou semântica da nova interpretação. O caso de 2492.10 é mais grave: os editores aceitam a leitura original mas afirmam que *flos scombri is well attested, compare CIL IV, 2574-8...* Ora, como notei na publicação original, *flos scombri* não faz sentido, sua tradução, “o melhor peixe *scomber*” e os exemplos citados CIL IV, 2574-8 comprovam que apenas existe a expressão precedida pela palavra *garum* (um tipo de molho). Note-se que, em 2492.20, a leitura *g(ari) f(los) s<c(ombri)>* aparece sem que se note que contradiz o comentário, reproduzido acima, à inscrição de número 2492.10.

Assim, embora minha leitura tenha sido aceita, meus argumentos não foram, infelizmente, totalmente compreendidos e assimilados pelos editores da coletânea (cf. Funari, 1993, p.122-124).

Outro exemplo de difícil aceitação consiste na leitura de 2494.175: trata-se de um grafite, lido *sullo* por Roger Tomlin e publicado, originalmente por mim como *sulco*. Esta leitura encontra-se explicada paleográfica e semanticamente em detalhado artigo a respeito (Funari, 1991, p.69). A leitura proposta, *sullo*, não apresenta um único argumento seguro a seu favor: *This "celtic" personal name is not directly attested but...* Também diversas leituras de Rodríguez-Almeida são contrapostas a leituras alternativas sem argumentos suficientemente elaborados (cf. 2492.14; 2492.29; 2492.31). Algumas das questões levantadas pelos grafites referem-se, precisamente, aos nomes próprios no nominativo e no genitivo. Estes últimos, numerosos, são interpretados, tradicionalmente, como significando "propriedade de tal pessoa" (e.g. 2494.103, *Atti*; 2494.107, *Siluini*), se feitos *post-cocturam* e "produto de tal pessoa" (e.g. 2493.48, *M(arci) Fului*), se feitos *ante-cocturam*. No entanto, como explicar um grafite feito antes do cozimento por uma mulher? *Surinae uirilil*, interpretado como (*product*) of *Surina* (*wife*) of *Virilis* (2493.54) significaria, precisamente, que Surina era uma oleira. Mas não poderia significar "inscrição de Surina"? (Funari 1993:122).

Quanto ao nominativo, como interpretar um nome próprio feito após o cozimento? *Audax*, em 2494.104, não foi interpretado; representaria exatamente que ação? A palavra *capax*, em 2494.112, poderia referir-se a um *cognomen* no nominativo ou, como sugeri na publicação original, poderia ser o adjetivo "de grande capacidade" (cf. Horácio, *Odes*, 3,1,16, *urna capax*; Funari, 1991, p.67). Os editores apresentam uma série de leituras que, embora não totalmente seguras, sugerem interessantes informações sobre a organização do comércio de produtos em ânforas. Assim, por exemplo, *penuar(irum)* foi interpretado, em 2492.11, como "comestível", uma possível garantia a respeito do conteúdo (neste caso, um tipo de

salção). Em 2494.89, um grafite após cozimento, *CXX*, foi interpretado como referindo-se a uma excepcionalmente pesada Dressel 20 (39,29 kg), com 5,5 kg a mais do que a maior tara atestada epigraficamente até o momento. No entanto, a interpretação pode demonstrar que ânforas muito grandes foram produzidas, confirmando dados como os grandes valores em *gamma* encontrados no Testaccio e referidos acima. Outra inscrição interessante refere-se ao famoso quadrado mágico, *rotas/operat/tenec<t>...*, em 2494.98.

Os avanços nos estudos da epigrafia latina das ânforas oleárias béticas têm sido substantivos. Embora tenha, aqui, voltado minha atenção para *minúcias epigráficas*, as implicações destas particularidades ultrapassam em muito o campo específico da anforologia. Na verdade, a interpretação econômica, social e até mesmo cultural do mundo romano tem podido avançar, em parte ao menos, graças à análise destas inscrições. Questões relativas à organização social na região produtora bética (Funari, 1994b), à comercialização e distribuição do azeite (Remesal 1986), ao papel da escrita na estruturação das relações humanas (cf. Bowman, 1991, p.122), têm recebido sugestões de respostas parciais, a partir do estudo das epígrafes anfóricas. Até mesmo questões genéricas, como aquelas referentes ao papel da economia de mercado no mundo antigo (Wood, 1994), dependem de estudos específicos como os que aqui foram comentados. No entanto, apenas o estudo erudito destas inscrições de difícil interpretação pode permitir que novos dados tornem-se aquisições seguras para a reelaboração dos esquemas interpretativos gerais.

Referências Bibliográficas

BLAZQUEZ, J.M. Excavaciones arqueológicas en el Monte Testaccio (Roma), Memoria Campana 1989. Madrid: Ministerio de Cultura, 1994.

BOWMAN, A.K. Literacy in the Roman Empire, in: HUMPHREY, J.H. (ed), *Literacy in the Roman World*, Ann Arbor: Journal of Roman Archaeology, p.119-131, 1991.

- CHIC, G. *Epigrafía anfórica de la Bética I*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1985.
- CHIC, G. La proyección económica de la Bética en el imperio romano (época altoimperial). *Actas del II Congreso de Historia de Andalucía*, Córdoba: Consejería de Cultura, p.173-199, 1994.
- FRERE, S.S. & TOMLIN, R.S.O. *The Roman Inscriptions of Britain, volume II, Instrumentum domesticum, fascicule 6*. Bath: Alan Sutton Publishing, 1994.
- FUNARI, P.P.A. Estudo tipológico das ânforas oleárias béticas (Dressel 20) de ca. 149 d.C., *Dédalo*, 25, p.209-233, 1987.
- FUNARI, P.P.A. O assentamento microregional em La Campana em época romana, *História*, São Paulo, 7, p.47-60, 1988.
- FUNARI, P.P.A. Dressel 20 amphora inscriptions found at Vindolanda: the reading of the unpublished evidence, in: MAXFIELD, V.A. & DOBSON, M.J., (eds). *Roman Frontier Studies 1989*, Exeter: University of Exeter Press, p. 65-72, 1991.
- FUNARI, P.P.A. Some Roman Inscriptions from Britain: amphora evidences, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 3, p.121-135, 1993.
- FUNARI, P.P.A. L'huile et l'économie de la Bretagne Romaine, *Recherches brésiliennes*, Besançon: Université de Besançon, p.95-115, 1994a.
- FUNARI, P.P.A. Baetica and the Dressel 20 production, an outline of the province's history, *Dialogues d'Histoire Ancienne*, 20,1, p.87-105, 1994b.
- MORIZIO, V. Criteri di edizione dell'*instrumentum inscriptum*: un breve profilo storico. *Specima nova universitatis quinqueecclesiensis*, p. 351-360, 1991.
- PONSICH, M. Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir I. Madrid: Casa de Velazquez, 1974.
- PONSICH, M. Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir II. Madrid: Casa de Velazquez, 1979.
- PONSICH, M. Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir III. Madrid: Casa de Velazquez, 1987.
- PONSICH, M. Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir IV. Madrid: Casa de Velazquez, 1991.
- REMESAL, J. *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania*. Madrid: Universidad Complutense, 1986.
- REMESAL, J. Die Erforschung der Werkstaetten im lichte der reproduzierten Inschriften, *Specima nova universitatis quinqueecclesiensis*, p.157-176, 1991a.
- REMESAL, J. Sextus Iulius Possessor en la Bética, *Gerión, homenaje al Dr. Michel Ponsich*, p.281-295, 1991b.
- REMESAL, J. Los sellos, in: BLAZQUEZ, J.M. (ed), *Excavaciones arqueológicas en el Monte Testaccio (Roma)*, Madrid: Ministerio de Cultura, p. 130-178, 1994.
- RODRIGUEZ-ALMEIDA, E. Los *tituli picti* de las ánforas olearias de la Bética, I, *Tituli picti de los Severos y de la ratio fisci*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1989.
- RODRIGUEZ-ALMEIDA, E. Anforas olearias béticas: cuestiones varias, *Gerión, homenaje al Dr. Michel Ponsich*, 243-259, 1991.
- RODRIGUEZ-ALMEIDA, E. Scavi sul Monte Testaccio: novità dai *tituli picti*, *VIIe Rencontre, Epigrafia della produzione e della distribuzione*, Roma: École Française de Rome, 59-72, 1992.
- RODRIGUEZ-ALMEIDA, E. Los *tituli picti*, in: BLAZQUEZ, J.M. (ed), *Excavaciones arqueológicas en el Monte Testaccio (Roma)*, Madrid: Ministerio de Cultura, p.36-129, 1994.
- WOOD, E.M. From opportunity to imperative: the history of the market, *Monthly Review*, 46,3, p.14-40, 1994.